

OS MUSEUS EM PORTUGAL NO PERÍODO 2000-2005: DINÂMICAS E TENDÊNCIAS

José Soares Neves

Jorge Alves dos Santos

Texto preparado por José Soares Neves, que coordena a equipa de pesquisa, e Jorge Alves dos Santos, no âmbito do projecto Base de dados “Museus”, com a coordenação global de Maria de Lourdes Lima dos Santos.

Documento disponível em www.oac.pt

OS MUSEUS EM PORTUGAL NO PERÍODO 2000-2005: DINÂMICAS E TENDÊNCIAS

José Soares Neves e Jorge Alves dos Santos

Lisboa, Maio de 2006

A Base de dados “Museus” é um projecto apoiado pelo Instituto Português de Museus que decorre do protocolo assinado pelo Instituto Português de Museus, pelo Instituto Nacional de Estatística e pelo Observatório das Actividades Culturais no dia 20 de Abril de 2000, no Centro Cultural de Belém.

O Observatório das Actividades Culturais é uma Associação sem fins lucrativos, fundada em 1996, tendo por associados fundadores o Ministério da Cultura, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Instituto Nacional de Estatística. Ocupa-se da produção e difusão de conhecimentos que possibilitem dar conta, de uma forma sistemática e regular, das transformações no domínio das actividades culturais.

Índice

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA	4
2. UM CRESCIMENTO CONTINUADO DAS ENTIDADES AUTO DESIGNADAS MUSEUS	6
3. OSCILAÇÕES DOS MUSEUS POLINUCLEADOS E DOS NÚCLEOS	11
4. CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS SEGUNDO AS VARIÁVEIS EXPLICATIVAS.....	13
<i>Tutela</i>	13
<i>Tipo</i>	16
<i>Região</i>	17
<i>Abertura</i>	21
<i>Criação e abertura</i>	22
5. CONCLUSÕES	23
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	24

OS MUSEUS EM PORTUGAL NO PERÍODO 2000-2005: DINÂMICAS E TENDÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

O presente texto retoma e actualiza anteriores abordagens do Observatório das Actividades Culturais (OAC) sobre os museus em Portugal. Tem como fonte de informação os dados produzidos desde 2000 no quadro do projecto Base de dados “Museus” (abreviadamente BDMuseus). Este projecto decorre do protocolo assinado pelo Instituto Português de Museus (IPM), pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e pelo OAC no dia 20 de Abril de 2000, quando do lançamento do livro resultante do Inquérito aos museus e núcleos museológicos, realizado pelo OAC no ano anterior por encomenda do IPM (Santos, Neves e outros, 2000; Neves e Santos, 2001).

Em termos muito gerais, o período agora em análise caracteriza-se pela valorização do património móvel por parte dos sectores público e privado, em particular na sua relação com o turismo cultural, e da função comunicação por parte dos museus. Mais especificamente, no contexto português destaca-se o desenvolvimento das políticas culturais públicas do sector, no qual se inclui a requalificação (com recurso a fundos comunitários) de parte significativa dos museus nacionais, a criação da Rede Portuguesa de Museus (RPM, em 2000) e a aprovação da nova Lei Quadro dos Museus Portugueses (em 2004¹). Concretamente quanto à Lei Quadro, importa destacar a institucionalização da RPM e a distinção entre museu e colecção visitável nela consagradas. Mais recentemente, importa ainda referir a publicação das regras de credenciação de museus (2006²).

O projecto BDMuseus visa a produção de dados sobre o panorama museológico português através do levantamento contínuo de novos casos e da actualização da informação existente. O universo observado inclui todas as entidades (existentes ou projectadas) auto designadas museu. O levantamento de novos casos incide no momento do anúncio público das intenções de criação de museus. No âmbito da BDMuseus são, numa fase inicial, recolhidos dados de identificação da tutela e do responsável e, posteriormente, de caracterização sumária das intenções e dos projectos, assim como do funcionamento dos museus.

¹ Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto.

² Despacho Normativo nº 3/2006, de 25 de Janeiro.

A BDmuseus contribui para o conhecimento da evolução da realidade museológica nacional através de indicadores cuja base temporal é infra-anual. Recolhida e gerida pelo OAC, a informação é actualizada recorrendo, num primeiro momento (levantamento), a diversas fontes documentais (imprensa especializada e generalista, publicações autárquicas, Internet, etc.). Importa notar que a intensa partilha de informação entre as três entidades envolvidas (IPM, INE e OAC) desempenha um papel importante nessa actualização.

Num segundo momento (caracterização), o procedimento-tipo seguido pelo OAC inclui 3 fases: (i) cada novo caso detectado dá lugar à abertura de uma ficha e ao preenchimento dos campos de identificação; (ii) a identificação e localização da entidade dá lugar à sua inquirição, através de contacto telefónico, tendo como interlocutor o seu responsável; (iii) os dados assim recolhidos são introduzidos em suporte informático, validados e tratados com vista à construção de indicadores.

Para além de serem classificados quanto à Situação (A funcionar, Intenção, Projecto ou Fechado), os registos são segmentados consoante se trate de um Museu ou de um Núcleo museológico. Embora a recolha de informação incida sobre as duas categorias, o trabalho de caracterização incide particularmente sobre os museus. Relativamente a estes, determinada a Situação, apuram-se os dados necessários à sua caracterização, em particular segundo as variáveis explicativas (Tipo, Tutela, Região e Abertura), e à aplicação dos critérios que permitem seleccionar os registos a inquirir pelo INE (referenciados ao dia 31 de Dezembro de cada ano). De acordo com esses critérios, considera-se museu a entidade como tal auto designada, em funcionamento permanente ou sazonal, com pelo menos uma sala ou espaço de exposição e com pelo menos uma pessoa ao serviço (Santos, Neves, Santos e Nunes, 2005: 23).

O OAC procede também, regularmente, à reavaliação da situação dos casos já anteriormente recenseados, inquiridos ou não pelo INE.

Feita esta nota a propósito do método, passa-se a uma abordagem da evolução do levantamento do panorama museológico português por Situação (A funcionar, Intenção, Projecto e Fechado), incluindo o caso particular dos Núcleos museológicos (A funcionar e Projecto). Seguidamente realiza-se uma caracterização mais detalhada dos casos que correspondem à acima referida noção de Museu.

2. UM CRESCIMENTO CONTINUADO DAS ENTIDADES AUTO DESIGNADAS MUSEUS

Através da leitura do quadro nº 1 é possível constatar o crescimento dos valores da generalidade das situações utilizadas na classificação dos registos da BDMuseus. No entanto, esse crescimento sugere diferentes leituras consoante a Situação em causa.

Quadro nº 1
Registos da BDMuseus por Situação e por Ano
(números absolutos, percentagem e taxa de variação)

Situação	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
A funcionar	728	875	941	954	977	1.018	39,8
<i>Aberto ao público</i>	650	800	866	874	898	920	41,5
Permanente ou sazonal	513	625	642	599	617	622	21,2
Esporádica	137	175	224	275	281	298	117,5
<i>Encerrado ao público</i>	78	75	75	80	79	98	25,6
Temporariamente encerrado (até 6 meses)	24	26	24	21	20	24	0,0
Projecto	129	273	307	317	312	326	152,7
Intenção	54	56	95	96	94	93	72,2
Fechado	6	10	22	30	33	39	550,0
Universo a inquirir pelo INE	533	626	631	588	603	618	15,9
<i>Percentagem do Universo INE nos registos A funcionar</i>	73,2	71,5	67,1	61,6	61,7	60,7	-17,1

Fonte: OAC/BDMuseus.

Base: registos a 31 de Dezembro. Exclui núcleos.

Nota: Sobre o Universo a inquirir pelo INE ver adiante nota 3.

Tendo em conta os museus A funcionar, refira-se que estes atingiram o valor máximo de 1.018 em 2005. A evolução verificada ao longo dos 6 anos em apreço traduz-se num crescimento de 40%.

Os museus Abertos ao público não só são claramente maioritários como registam ainda um crescimento assinalável (42%) no período em causa. Entre esses, a abertura Permanente ou sazonal é maioritária. Mas o crescimento mais visível refere-se aos museus com abertura Esporádica (118% contra 21% daqueles).

Num outro plano, mantém-se a tendência de crescimento do anúncio público de Projectos e de Intenções de criação de museus, com destaque para os primeiros: são 326 em 2005, o que significa um crescimento de 153% relativamente a 2000.

O cruzamento destas duas situações pela Tutela, em 2005, permite avançar um pouco mais no esclarecimento destes casos. Assim, como se pode verificar pelo quadro nº 2, é a Administração Local que explica parte substancial dos museus com perspectivas de virem a ser criados, com 62% em qualquer das situações. Embora secundariamente, importa referir ainda os Privados. Em conjunto, representam mais de 90% dos casos.

Quadro nº 2
Registos por Tutela e por Situação (2005)
(percentagem em coluna)

Tutela	Situação		
	Projecto	Intenção	Fechado*
Administração Central	8,6	8,6	15,4
Administração Regional Açores/Madeira	0,3	2,2	0,0
Administração Local	62,3	62,4	35,9
Privados	28,8	26,8	48,7
<i>Número de casos</i>	326	93	39

Fonte: OAC/BDmuseus.

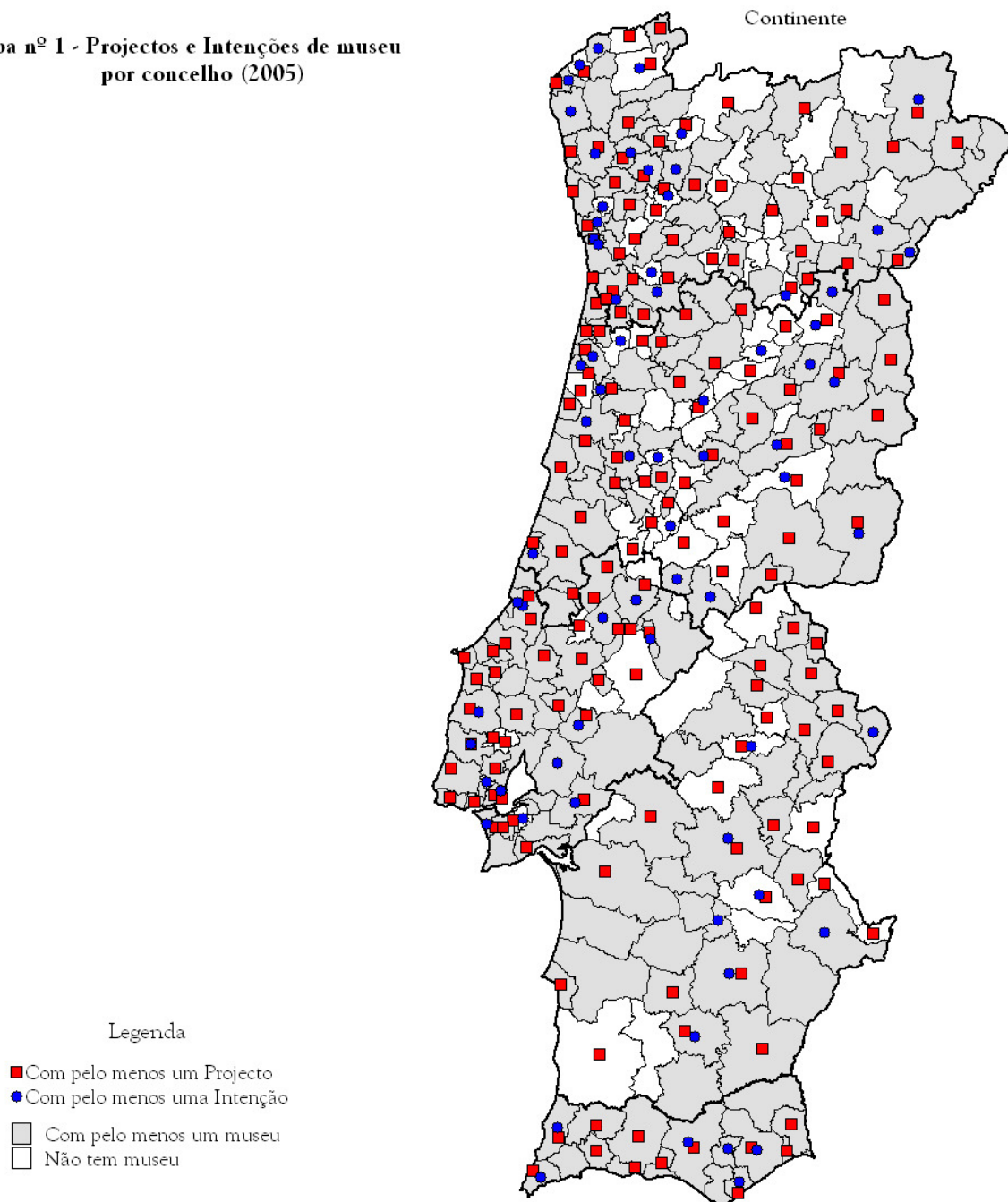
Base: registos a 31 de Dezembro.

* No período 1998-2005.

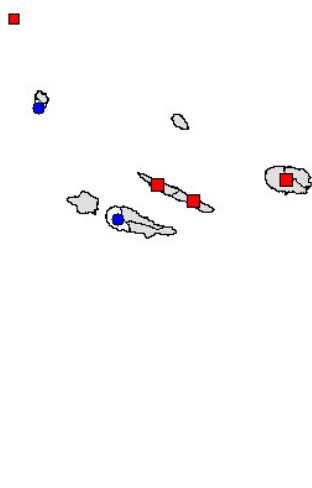
Uma outra abordagem significativa refere-se à distribuição por Região e por Concelho dos Projectos e Intenções (mapa nº 1). Deste ponto de vista, é notória uma forte presença destas situações por todo o país, embora seja mais nítida no litoral Norte e Centro e menos acentuada no Alentejo. Como também se pode comprovar pela leitura deste mapa nº 1, em vários casos a concretização dos projectos e/ou intenções significará que o concelho em causa passará a ter pelo menos um museu. Adiante-se que são 58 os concelhos em que tal sucede.

Assim, no seu conjunto, os valores apurados dão conta de uma dinâmica geral positiva e continuada ao longo do período em análise. De 2000 para 2005 não só passaram a existir mais museus A funcionar, como cresceram também os Projectos e as Intenções de criação de museus.

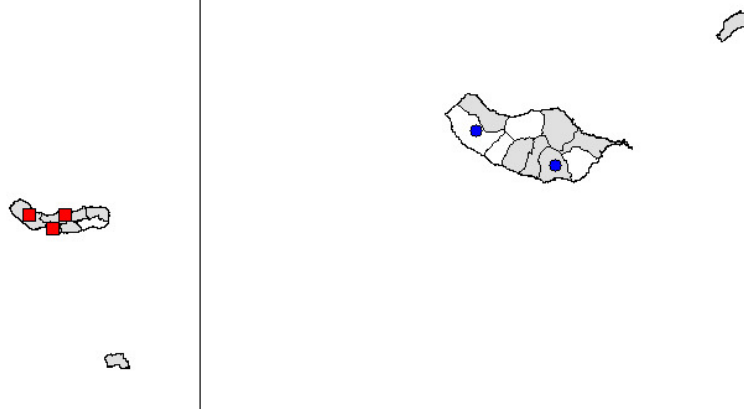
Mapa nº 1 - Projectos e Intenções de museu por concelho (2005)



Açores



Madeira



Porém, um outro indicador de sentido contrário, referente aos museus na Situação de Fechado, deverá merecer alguma atenção (de novo quadro nº 2). Apesar de os contingentes anuais em causa serem relativamente baixos (não ultrapassam os 39) são significativos numa perspectiva diacrónica, uma vez que a taxa de crescimento registada é de 550% no arco temporal em análise. O cruzamento com a Tutela mostra que, em 2005, os Privados (49%) e a Administração Local (36%) são as tutelas que mais acusam esta situação.

A perspectiva por Região e por Concelho facultada pelo mapa nº 2 mostra a presença desta Situação em todas as regiões, embora com maior destaque nos concelhos do litoral (que são também aqueles onde se localizam mais museus). Como se pode comprovar nesse mapa, em grande parte dos concelhos o fecho de museus é compensada pela projectada abertura de outros. Feito o balanço, é possível adiantar que apenas 5 concelhos passam a integrar o grupo daqueles que não registam qualquer museu.

Entre as justificações para o fecho encontram-se problemas derivados do mau estado das infra-estruturas onde estavam implantados, ao desaparecimento da própria tutela e (e mais comumente) a processos de reorganização do sector dos museus por parte das tutelas. Estes processos referem-se a fusões de unidades museológicas com a mesma tutela, à alteração das funções atribuídas ao espaço até aí reservado para exposição ou à redistribuição dos acervos e das missões das unidades tuteladas.

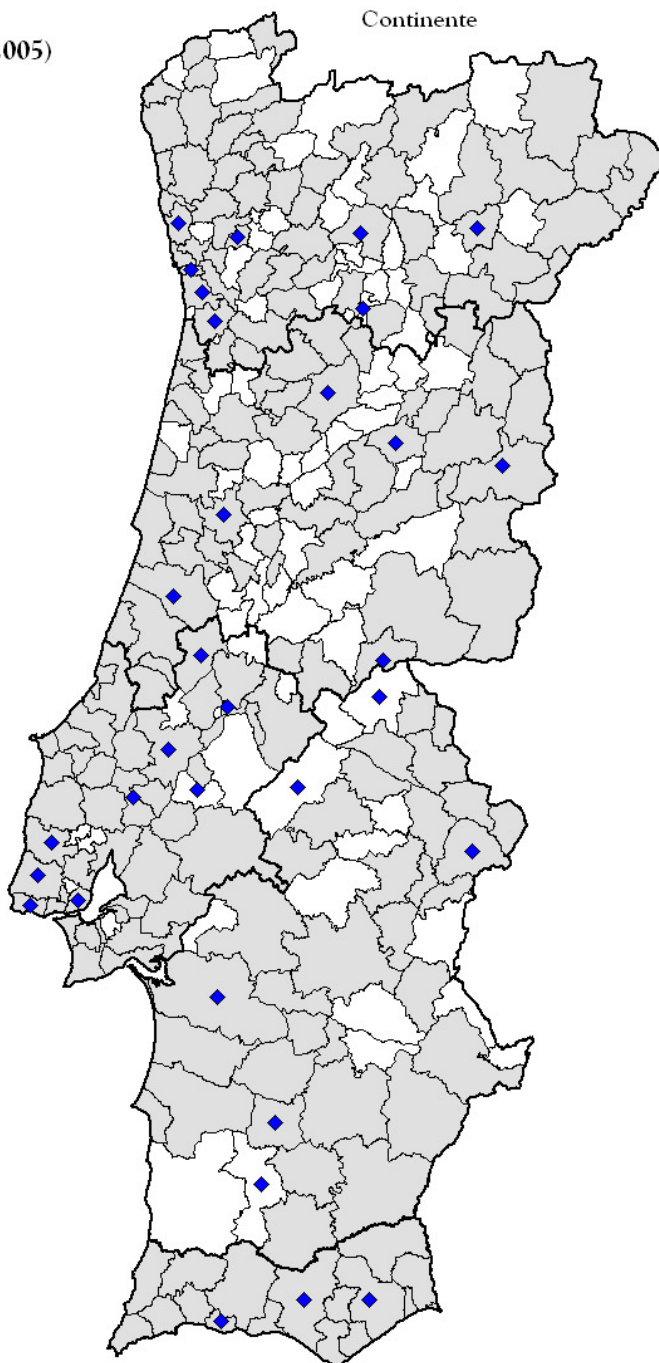
No essencial, não se trata, portanto, de indícios de crise, mas sim de opções de gestão que visam racionalizar o funcionamento de algumas unidades mais deficitárias. Efectivamente, como facilmente se pode concluir, um processo de qualificação tem implícita a melhoria das condições de funcionamento da generalidade dos museus existentes (de acordo com a actual Lei Quadro dos Museus Portugueses em alguns casos eventualmente mais próximos da noção de colecção visitável) e a abertura em boas condições de novas unidades, mas também a desactivação de outras que, embora auto designadas museu, estão muito longe dos requisitos mínimos inerentes ao cumprimento das funções museológicas ou sequer de se virem a enquadrar na noção de colecção visitável.

Assim, em termos gerais, pode dizer-se que o panorama museológico permanece em expansão. Até que ponto o crescimento quantitativo simples que se verifica é acompanhado quando se aplicam os 5 critérios de selecção um pouco mais rigorosos, ou seja, quando se passa ao universo a inquirir pelo INE³? Vale a pena notar alguns aspectos a este propósito.

³ Adiante-se que os critérios que delimitam o universo inquirido pelo INE (ou seja, na fase de recolha da informação) são os já referidos. Na fase de difusão, os critérios mínimos tornam-se mais exigentes. São os seguintes: (1) ter pelo menos uma sala de exposição; (2) estar aberto ao público permanente ou sazonalmente; (3) ter pelo menos um conservador ou técnico superior (incluindo pessoal dirigente); (4) ter orçamento segundo uma óptica mínima de conhecimento do total da despesa; (5) ter inventário (óptica mínima: inventário sumário) (INE, 2005: 27).

Mapa nº 2 - Museus Fechados por concelho (2005)

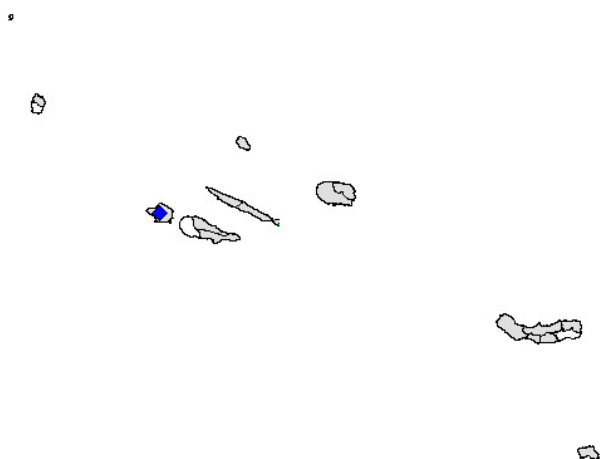
Continente



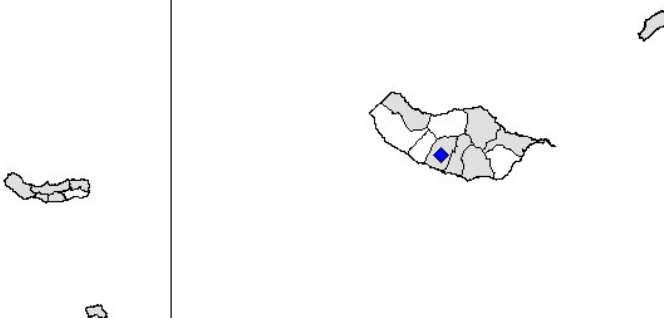
Legenda

- ◆ Com pelo menos um museu Fechado
- Com pelo menos um museu
- Não tem museu

Açores



Madeira



Veja-se, por um lado, o crescimento, fraco, mas crescimento, do número de unidades correspondente (16% é a taxa de variação no período, como se pode ver no quadro nº 1). Atente-se, por outro lado, nas oscilações anuais⁴. Ou seja, olhadas numa perspectiva diacrónica, as referidas oscilações traduzem o saldo entre a entrada de novos casos ou de casos já existentes que passaram a cumprir os 5 critérios e a exclusão de casos que fecharam ou que deixaram de cumprir pelo menos um dos 5 critérios. E, por último, importa ter em conta que, embora a percentagem correspondente ao universo a inquirir pelo INE nos museus A funcionar permaneça acima dos 60% em qualquer dos anos em apreço, esta percentagem tem vindo paulatinamente a diminuir atingindo os 61% em 2005, quando em 2000 era de 73%.

Ou seja, de acordo com os dados apurados, o aumento do número total de museus confirma a actual dinâmica de crescimento do sector. Contudo, uma parte não despreciable do aumento constatado refere-se a uma franja relativamente heterogénea que mostra alguma instabilidade quanto ao cumprimento dos critérios em causa⁵.

3. OSCILAÇÕES DOS MUSEUS POLINUCLEADOS E DOS NÚCLEOS

Uma abordagem dos casos recenseados tem também de contemplar, nesta primeira fase de maior generalidade, a evolução dos museus polinucleados e dos núcleos. É um aspecto que foi já objecto de reflexão em publicações anteriores (Santos, Neves e outros, 2000: 61-64; Santos, Neves, Santos e Nunes, 2005: 25-27). Quando se trata de abordar quantitativamente o universo museológico, como é o caso, a opção de considerar, ou não, os núcleos como unidades de análise em pé de igualdade com os museus tem implicações significativas na análise, designadamente, e desde logo, na base de sondagem. Tal como anteriormente, e pelas razões então aduzidas, a opção que aqui se toma vai no sentido de não incluir os núcleos no universo dos museus. Isto significa que cada museu polinucleado é tomado como uma unidade, independentemente do número de núcleos.

Apesar de tudo, importa analisar com algum detalhe os Museus polinucleados. Assim, de acordo com o quadro nº 3, considerados isoladamente dos demais museus, são 143 os casos registados em 2005, o que significa um crescimento de 42% relativamente a 2000. Destes, parte substancial está A funcionar.

⁴ Note-se que a aferição de cada registo com os citados critérios é realizada com uma periodicidade anual.

⁵ A referida franja refere-se, em 2005, a 39% dos registos A funcionar que *não* cumprem os 5 critérios do INE. A percentagem correspondente, em 2000, é de 27%.

Quadro nº 3
Museus polinucleados e Núcleos por Situação e por Ano
(números absolutos, percentagem e taxa de variação)

Situação	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Museus polinucleados	101	111	139	154	137	143	41,6
<i>A funcionar</i>	101	101	126	121	118	120	18,8
<i>Projecto</i>	0	10	13	33	19	23	*130,0
Núcleos	238	340	347	387	378	391	64,3
<i>A funcionar</i>	191	241	219	253	246	258	35,1
<i>Projecto</i>	47	99	128	134	132	133	183,0
Ratio Núcleos <i>A funcionar</i> /Museus polinucleados <i>A funcionar</i>	1,9	2,4	1,7	2,1	2,1	2,2	13,7
Total de registos <i>A funcionar</i> na BDmuseus	728	875	941	954	977	1.018	39,8
Percentagem Museus polinucleados <i>A funcionar</i> /Total	13,9	11,5	13,4	12,7	12,1	11,8	-15,0

Fonte: OAC/BDmuseus.

Base: registos a 31 de Dezembro.

* A taxa de variação é feita com base em 2001.

Quanto aos Núcleos, o seu número chega aos 391 em 2005, correspondentes a um crescimento de 64% face a 2000. Destes, o crescimento mais acentuado refere-se aos Projectos (183%).

Ainda a propósito dos Núcleos em Projecto, repare-se nas elevadas taxas de crescimento em todos os indicadores que se referem a esta situação – Museus (153% - ver atrás quadro nº 1), Museus polinucleados (130%) e Núcleos (os já referidos 183%).

Ao contrário dos Museus polinucleados, os Núcleos mostram um crescimento constante e, compreensivelmente, são os que registam o número mais elevado. Esta diferença sintetiza-se no *ratio* que relaciona uns e outros (tendo em conta apenas aqueles que estão *A funcionar*) e cuja taxa de variação atinge 14%.

Um outro aspecto refere-se ao significado dos Museus polinucleados (em funcionamento) no total de casos. A percentagem correspondente mostra valores próximos embora com oscilações ao longo dos anos (o máximo situa-se em 14%, em 2000, contra 12% em 2001), sendo que 2005 regista um dos valores percentuais mais baixos (quase 12%). Apesar do crescimento negativo que se verifica no arco temporal em causa (-15%), trata-se de uma realidade com algum significado quantitativo e com uma continuidade assinalável no panorama museológico português.

Esta conclusão é confirmada com uma leitura prospectiva dos dados. De facto, a relação entre os valores dos Projectos dos Museus polinucleados (quadro nº 3) com os dos Projectos totais registados (quadro nº 1) tendo em conta os anos de 2001 e 2005 (anos limite com dados disponíveis), mostra que a percentagem daqueles sobe de 4% para 7%. Ou seja, tendo em conta o modelo de gestão que os responsáveis pelos museus prevêem adoptar, acentua-se neste último ano a tendência de crescimento da criação de museus segundo o modelo polinucleado.

4. CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS SEGUNDO AS VARIÁVEIS EXPLICATIVAS

Tutela

Em termos gerais, constata-se o predomínio dos museus com Tutela localizada no sector Público (quadro nº 4), somando percentagens superiores a 60% em qualquer dos anos (atingindo o máximo no ano de 2004 com 63%).

Quadro nº 4
Museus por Tutela e por Ano
(percentagem em coluna e taxa de variação)

Tutela	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Administração Central	19,3	17,4	17,4	17,5	17,1	16,7	0,0
Administração Regional	3,9	3,5	3,6	4,1	4,0	3,9	12,5
Administração Local	39,0	39,1	39,6	40,1	41,5	40,9	17,8
Privados	37,7	39,9	39,3	38,3	37,5	38,5	15,5
<i>Número de casos</i>	533	626	631	588	603	618	13,8

Fonte: OAC/BDmuseus.

Quanto às mudanças verificadas no período em análise, constata-se através da taxa de variação 2000/2005 que o número de casos teve um aumento de 14%. Quanto à Tutela, 3 das 4 categorias apresentam subidas ligeiras, sendo a mais elevada a dos museus da Administração Local (18%), seguida da Privada. A exceção é a Administração Central que mantém o mesmo valor.

Em termos gerais, dos museus tutelados pela Administração Central, constata-se uma certa estabilização no número de casos, particularmente a partir de 2003, com 103 museus, o que não deixa de constituir uma quebra quando comparado com o valor mais elevado (110) atingido no ano anterior (quadro nº 5).

Quadro nº 5
Museus da Administração Central por Ano
(percentagem em coluna)

Tutela	Ano					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Ministério da Cultura	41,7	39,4	40,0	42,7	42,7	42,7
Ministério da Defesa	10,7	11,0	10,9	11,7	9,7	9,7
Ministério da Educação	1,9	4,6	4,5	1,9	1,9	1,9
Universidade Pública	18,4	20,2	19,1	17,5	17,5	17,5
EP ou SA de Capitais Públicos	11,7	10,1	10,0	10,7	11,7	11,7
Outros Organismos da Administração Central	15,5	14,7	15,5	15,5	16,5	16,5
<i>Número de casos</i>	103	109	110	103	103	103

Fonte: OAC/BDmuseus.

Em termos específicos, salientam-se os museus dependentes do Ministério da Cultura (43% em 2005 contra 42% em 2000). Quanto aos restantes, de destacar a ligeira subida dos dependentes dos Outros Organismos da Administração Central (17% contra 16%), da ligeira descida dos do Ministério da Defesa (10% contra 11%) e a manutenção das percentagens nos outros.

Quanto aos museus dependentes da Administração Local, tendo em conta o período de 2000 a 2005, constata-se que o número de casos aumentou de 208 para 253 museus (quadro nº 6), o que, como já se viu, corresponde a um crescimento de 18%. No entanto, importa referir que este crescimento não é contínuo, apresentando o ano de 2003 uma quebra (236) em relação ao valor do ano anterior.

Quadro nº 6
Museus da Administração Local por Ano
(percentagem em coluna)

Tutela	Ano					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Câmara Municipal	89,9	87,3	87,2	89,8	88,4	88,9
Junta de Freguesia	8,7	9,4	9,2	6,8	7,6	6,3
Assembleia Distrital	1,4	1,2	1,2	1,3	1,2	1,2
Empresa Municipal	0,0	2,0	2,4	2,1	2,8	3,6
<i>Número de casos</i>	208	245	250	236	250	253

Fonte: OAC/BDmuseus.

Mais especificamente, os museus com a tutela Câmara Municipal são claramente maioritários no conjunto dos da Administração Local (89% em média no período). As restantes tutelas não ultrapassam os 10%. Mesmo assim, destaque para a quebra dos tutelados pela Junta de Freguesia (9% em 2000 para 6% em 2005) e para a crescente importância dos com tutela da Empresa Municipal, que atingem, em 2005, 4%.

No que diz respeito aos museus dependentes do sector Privado verifica-se que o número de casos passa de 201 em 2000 para 238 em 2005 (quadro nº 7), o que constitui um crescimento de 16%.

Quadro nº 7
Museus com Tutela de Privados por Ano
(percentagem em coluna)

Tutela	Ano					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Não lucrativos	78,6	76,0	75,8	75,1	74,8	75,6
<i>Associação</i>	37,8	38,8	37,5	36,0	35,4	37,0
<i>Fundação</i>	14,9	14,4	14,9	16,0	16,8	16,8
<i>Igreja Católica</i>	17,4	15,6	16,1	16,0	15,5	15,1
<i>Misericórdia</i>	5,5	6,0	6,0	5,8	5,8	5,9
<i>Outros</i>	3,0	1,2	1,2	1,3	1,3	0,8
Lucrativos*	21,4	24,0	24,2	24,9	25,2	24,4
<i>Empresa Privada</i>	11,4	13,2	13,3	12,9	14,2	14,7
<i>Particulares</i>	10,0	10,8	10,9	12,0	11,1	9,7
<i>Número de casos</i>	201	250	248	225	226	238

Fonte: OAC/BDmuseus.

* Note-se que, de acordo com a definição de museu, este é uma entidade sem fins lucrativos, o que significa que a categoria Privados Lucrativos diz respeito, tal como a variável em causa sugere, à tutela que, esta sim, pode ser lucrativa ou não lucrativa.

Evidencia-se a percentagem de Não lucrativos que constituem em média 76% dos casos no período 2000 a 2005. Nestes, destaque para os museus pertencentes às Associações (com 37% em média dos casos), seguidos pelos das Fundações e da Igreja Católica (ambos com uma média de 16%).

No caso dos museus com tutela de Privados Lucrativos, verifica-se o predomínio dos pertencentes a Empresas Privadas (com uma média de 13%).

Em termos evolutivos, constata-se no período em análise as subidas dos tutelados pelas Empresas Privadas (11% para 15%) e Fundações (15% para 17%) e, por outro lado, as descidas dos da Igreja Católica (17% para 15%) e Outros (3% contra 1%).

Tipo

A análise segundo o Tipo, de acordo com os dados para o período 2000-2005, permite dar conta de que os principais tipos de museus são os de Etnografia e Antropologia, de Arte, os Mistos e Pluridisciplinares e os Especializados (quadro nº 8). Estes representam em conjunto, perto de dois terços do número de casos existentes em qualquer dos anos em análise. As percentagens dos restantes tipos de museus não ultrapassam os 9%.

Quadro nº 8
Museus por Tipo e por Ano
(percentagem em coluna e taxa de variação)

Tipo	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Arte	20,1	20,0	19,8	19,6	19,9	20,6	15,7
Arqueologia	4,3	4,3	5,2	5,8	6,0	5,8	36,1
História	9,6	10,2	10,0	9,9	9,1	9,4	12,1
Ciências Naturais e de História Natural	3,9	3,5	3,6	3,6	3,2	2,9	-16,7
Ciências e de Técnica	5,1	5,3	5,4	5,3	6,5	6,5	32,5
Etnografia e de Antropologia	21,4	21,4	21,2	19,6	20,1	19,3	4,2
Especializados	9,2	10,1	10,3	10,2	10,0	10,7	25,8
Território	2,4	2,4	2,4	2,6	2,3	2,1	0,0
Mistos e Pluridisciplinares	16,7	14,1	14,3	15,5	15,3	14,9	3,3
Outros	2,3	2,1	1,9	1,7	1,5	1,6	-20,0
Monumentos Musealizados	3,8	3,8	3,0	3,4	3,2	3,1	-5,3
Jardins Zoológicos, Botânicos e Aquários	1,3	2,9	2,9	3,1	3,2	3,2	65,0
<i>Número de casos</i>	533	626	631	588	603	618	13,8

Fonte: OAC/BDmuseus.

Em termos de evolução das tipologias no período em análise, verifica-se um crescimento, mais acentuado, dos Jardins Zoológicos, Botânicos e Aquários, e mais ligeiro dos museus de Arqueologia, Ciências e de Técnica e Especializados, ao passo que em sentido inverso, se destacam os museus de Ciências Naturais e de História Natural com a quebra mais acentuada.

Região

Fazendo a análise segundo a Região, Lisboa e Vale do Tejo é a que apresenta as percentagens mais elevadas de museus em Portugal, representando em média 30% dos casos (o máximo é atingido no início do período com 32%) (quadro nº 9). Os Açores são a região com o menor peso percentual de museus (4%).

Quadro nº 9
Museus por Região e por Ano
(percentagem em coluna e taxa de variação)

Região	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Norte	22,7	24,9	25,5	25,3	25,2	25,1	21,9
Centro	19,1	19,5	19,8	18,4	18,6	18,4	10,5
Lisboa e Vale do Tejo	32,3	29,9	29,3	30,6	30,2	30,1	7,5
Alentejo	10,1	10,1	10,3	10,5	10,1	10,5	16,9
Algarve	7,1	7,5	7,1	6,8	8,1	7,3	15,6
Açores	4,3	4,2	4,0	4,1	3,8	3,9	4,2
Madeira	4,3	4,0	4,0	4,3	4,0	4,7	20,7
<i>Número de casos</i>	533	626	631	588	603	618	13,8

Fonte: OAC/BDmuseus.

Refira-se que a posição relativa de cada região do Continente é sempre a mesma ao longo do período compreendido entre 2000 e 2005. A exceção verifica-se nas regiões autónomas, uma vez que o peso relativo dos museus da Madeira se sobrepõe ao dos Açores, nomeadamente a partir de 2003.

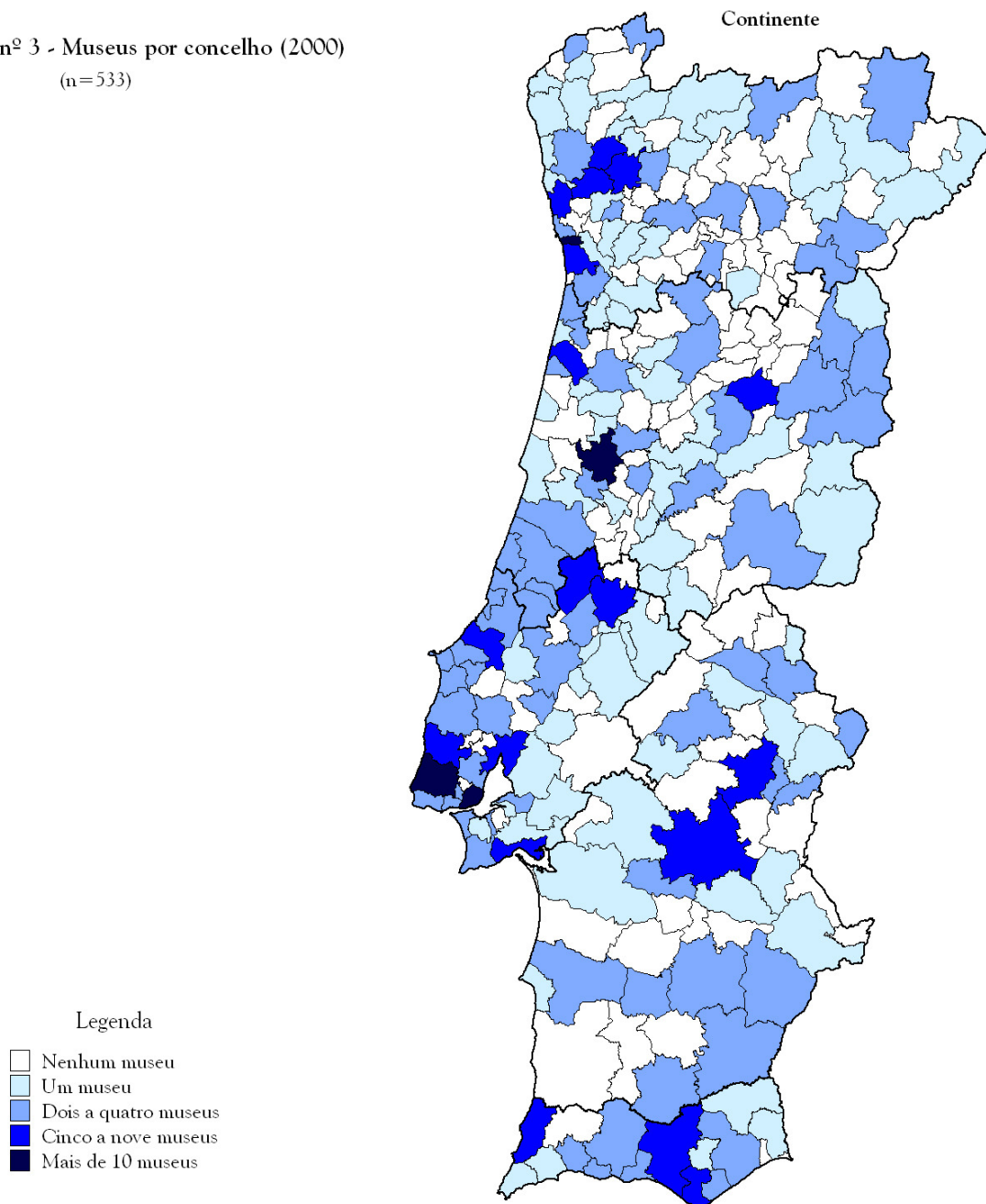
Quanto à evolução neste período, e recorrendo novamente à taxa de variação, constata-se que todas as regiões apresentam um crescimento, sendo essa tendência mais acentuada no Norte e na Madeira e menor em Lisboa e Vale do Tejo e nos Açores. Neste caso, apesar desta tendência, salienta-se duas linhas de sentido contrário: a do crescimento na região Norte (passando de 23% em 2000 para 25% em 2005); e a do decréscimo percentual registado na região de Lisboa e Vale do Tejo (32% em 2000 para 30% em 2005), vendo diminuir o seu peso relativo em termos de museus.

Tomando agora como base o total de museus nos anos polares (2000 e 2005), por concelho, observa-se, naquele último ano, um mapa concelhio, por um lado, mais preenchido e distribuído geograficamente e, por outro lado, com uma maior intensificação do número de museus em muitos dos concelhos (mapas nº 3 e 4).

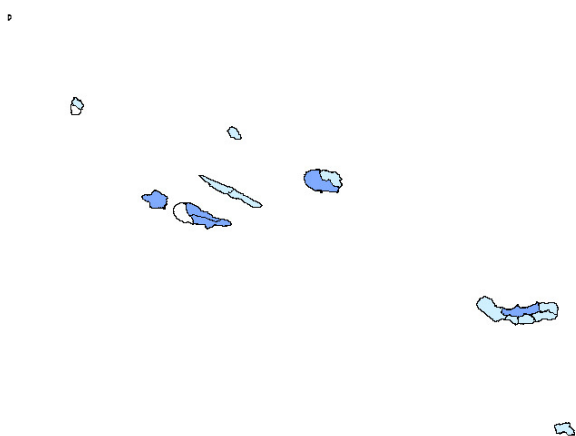
Deste modo, em 2000, em Portugal, o número de concelhos com Nenhum museu corresponde a um total de 115 (37% do total de concelhos). No Continente, dos concelhos que possuem museu, o escalão que apresenta o valor mais elevado é com Um museu (76), seguido pelo escalão Dois a quatro museus (74). Com Mais de 10 museus registam-se apenas 4 concelhos – Lisboa, Porto, Sintra e Coimbra –, sendo que o maior número de museus se localiza na capital (63 museus). No que diz respeito às regiões autónomas: nos Açores, salienta-se, por um lado, a existência de 3 concelhos sem qualquer museu e, por outro lado, dos que possuem museu, a grande maioria encontra-se no escalão de com Um museu (11 concelhos); na Madeira, destaque para o concelho do Funchal com mais de 10 museus e para o facto de que dos restantes 10 concelhos do arquipélago, apenas 3 destes apresentam Um museu e de 1 outro concelho ter entre Dois e quatro museus.

Quanto aos dados de 2005, em Portugal, salienta-se a diminuição do número de concelhos sem museu, o que significa que, nesse ano, do total de concelhos existentes (308), 72% possui pelo menos um museu. É ao nível do Continente que se verificam as maiores alterações, uma vez que, aliado ao aumento do número de museus aí localizados, se constata uma diminuição do número de concelhos que regista Nenhum museu (de 106 em 2000 para 79 em 2005), como também o aumento generalizado do número de museus em alguns concelhos, sendo este facto mais notório no escalão de Cinco a nove museus, passando de 18 concelhos em 2000 para 24 em 2005. Nas regiões autónomas, de forma geral, não se verificam de grandes oscilações, destacando-se apenas, na Madeira, o aumento do número de concelhos com museu (mais 2 concelhos do que em 2000).

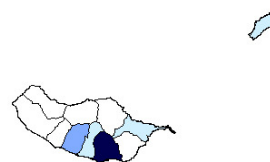
Mapa nº 3 - Museus por concelho (2000)
(n=533)



Açores

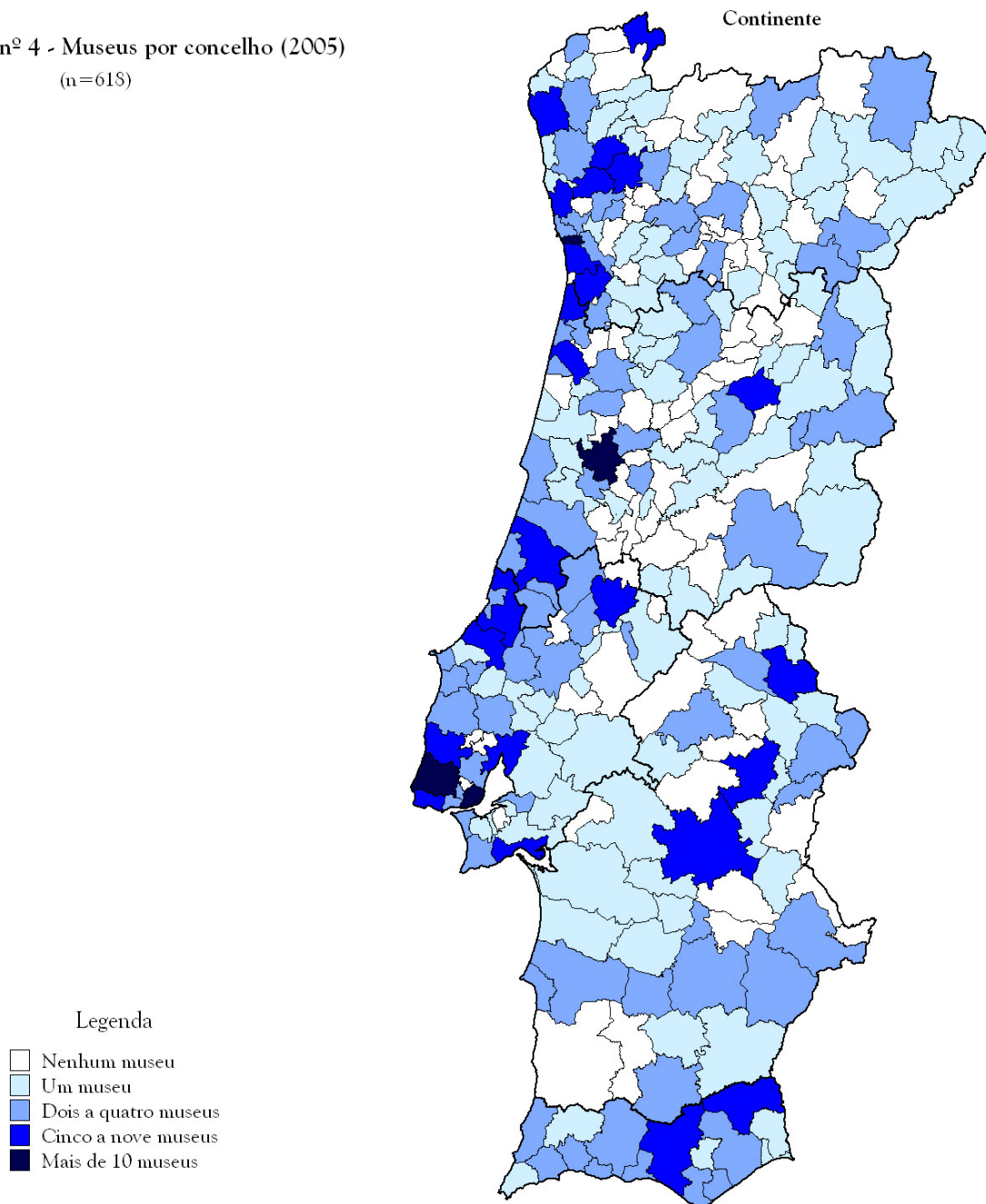


Madeira

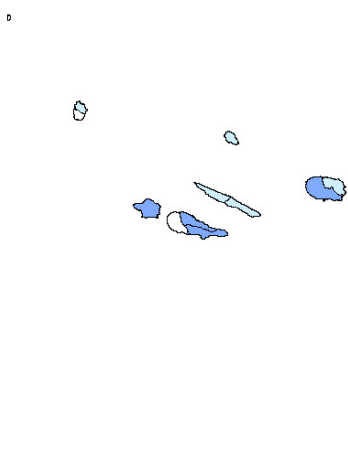


Mapa nº 4 - Museus por concelho (2005)

(n=618)



Açores



Madeira



Abertura

No que diz respeito à data de Abertura, verifica-se que a grande maioria dos museus entrou em funcionamento a partir da década de oitenta, apresentando uma percentagem que varia entre os 68% (2000) e os 73% (2005) de casos do total (quadro nº 10). Refira-se ainda que se se considerar a abertura ao público a partir da década de noventa, então, tem-se em conta metade dos casos, o que permite comprovar a relativa juvenildade dos museus portugueses.

Quadro nº 10
Museus por Abertura e por Ano
(percentagem em coluna e taxa de variação)

Abertura	Ano						Taxa variação 2000/2005
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Antes de 1899	3,8	3,2	3,0	3,4	3,3	3,2	0,0
1900-1929	5,4	4,5	4,4	4,8	4,5	4,5	-3,6
1930-1969	14,3	12,6	12,8	13,3	12,6	12,1	-1,3
1970-1979	7,5	6,4	6,3	6,3	6,1	5,8	-11,1
1980-1989	24,0	21,2	21,1	21,6	21,1	20,2	-2,4
1990-1999	40,5	40,3	38,2	35,7	34,5	32,8	-6,4
2000-2005	3,2	10,4	12,7	13,6	16,6	19,9	86,2
Não resposta	1,3	1,4	1,4	1,4	1,3	1,3	12,5
<i>Número de casos</i>	533	626	631	588	603	618	13,8

Fonte: OAC/BDmuseus.

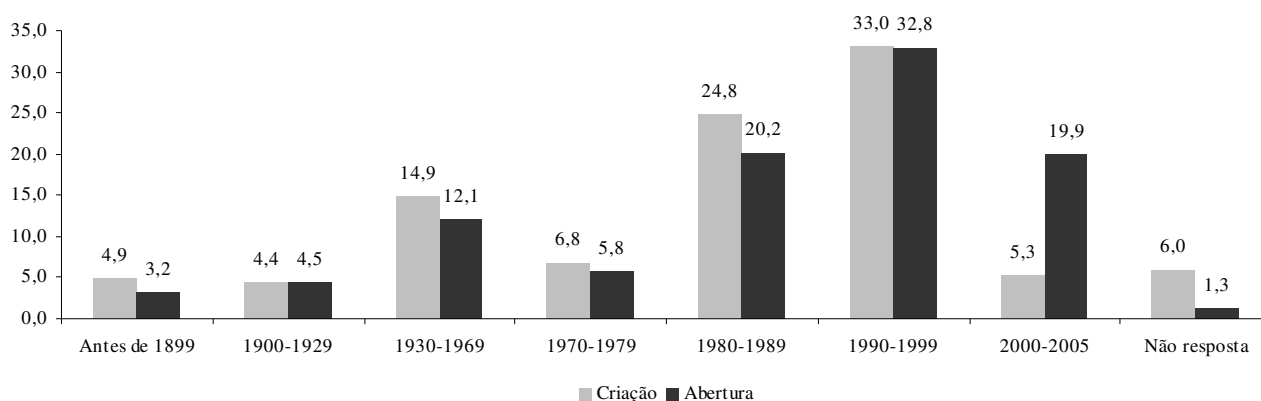
Tendo em conta os escalões, o 1990-1999 é o que apresenta as maiores percentagens no período em análise, representando em média 37% dos casos (o máximo é atingido em 2000 com 41%). Ainda neste âmbito, destaque para o acentuado crescimento, ao longo do período, dos museus com abertura ao público a partir de 2000, passando de 3% para 20%.

A análise da taxa de variação, permite confirmar, como se esperava, a crescente importância do escalão 2000-2005 (aumento de 86%) em termos de peso relativo em relação aos demais. Por outro lado, todos os escalões compreendidos entre os anos de 1900 e 1999 apresentam decréscimos no período em causa, sendo a variação negativa mais acentuada nos escalões 1970-1979 e 1990-1999; nas alterações polares predominam os escalões de abertura 1990-1999 (33% em 2005 contra 41% em 2000) e 1980-1989 (20% contra 24%).

Criação e abertura

Tendo agora por base a Data de criação dos museus, por décadas, em 2005, constata-se que o fenómeno da explosão museológica ocorre precisamente entre as décadas de oitenta e noventa, arco temporal em que foram criados 58% dos museus (gráfico nº 1).

Gráfico nº 1
Entidades museológicas por Data de criação e por Data de abertura em 2005
(percentagem)



Fonte: OAC/BDmuseus.
(Base de amostragem: 618)

Confrontando a Data de criação com a Data de abertura dos museus, com base em 2005, observa-se, por um lado, que até ao final da década de oitenta é maior a percentagem dos museus criados do que abertos e, por outro lado, que é a partir de 2000 que se verifica uma maior percentagem de museus abertos ao público do que criados (20% contra 5%).

Este último fenómeno pode decorrer, em parte, quer da abertura de novos museus que se encontravam em processo de construção ou adaptação na década anterior, uma vez que no período 1990-1999 foi criado um terço dos museus; quer da diminuição do período que decorre desde a fase de criação até à de abertura dos respectivos museus.

5. CONCLUSÕES

São várias as tendências detectáveis nos dados agora divulgados para o período compreendido entre 2000 e 2005. No essencial, elas confirmam as já identificadas nos anteriores trabalhos produzidos pelo OAC tendo como fonte a BDmuseus. A que, porventura, mais se destaca é a persistência da fase de crescimento ancorada no número de museus e na persistência dos elevados valores dos projectos e das intenções. Com algumas cautelas, o mesmo se poderá dizer quanto aos núcleos dos museus polinucleados. Deste modo, apesar do fecho de alguns museus nos anos mais recentes, o panorama museológico em Portugal permanece, de acordo com os dados recolhidos, numa fase de expansão.

Trata-se de um universo tão dinâmico como heterogéneo. Sendo um universo em crescimento, caracteriza-se ainda pela segmentação entre um grande contingente de museus que cabem em critérios de maior exigência e um outro, menor mas significativo, que mostra alguma turbulência associada a dificuldades no cumprimento sustentado dos referidos critérios.

Constatada esta segmentação importa abordar com mais detalhe as conclusões relativas aos museus do primeiro contingente, ou seja, aqueles que correspondem ao universo inquirido anualmente pelo INE.

Uma primeira constatação remete para o elevado, maioritário e relativamente estável peso das tutelas das administrações públicas. Nestas, a administração local detém a percentagem mais significativa, e em crescimento, o que significa que é a administração central que tem vindo a diminuir o seu peso relativo. Especificando um pouco mais, o Ministério da Cultura tutela a parte mais significativa, e praticamente inalterada ao longo do período em análise, dos museus da administração central. Na administração local, destacam-se claramente as câmaras municipais. As empresas municipais fazem-se notar igualmente, não pelo número em questão, mas enquanto realidade emergente.

Quanto ao tipo de museu, mantêm-se constantes os mais significativos (Arte, Etnografia e Antropologia, Especializados e Mistos e Pluridisciplinares). De referir ainda a queda registada pelos Museus de Ciências Naturais e de História Natural.

Relativamente à Região, assinala-se que, embora Lisboa e Vale do Tejo seja e permaneça a principal localização das unidades museológicas, o seu peso relativo tem vindo a descer, ao passo que a região Norte mostra movimento inverso. O elevado número de museus aí situados, associado à elevada taxa de crescimento que regista, aponta para uma região particularmente dinâmica neste sector cultural. Embora quantitativamente menos significativa, também a Madeira regista um crescimento assinalável.

Finalmente, quanto à Criação e Abertura, é previsível que, a julgar pelos museus abertos e pelo crescimento verificado de 2000 para 2005, a primeira década do presente século tenda a superar a década anterior (actualmente a mais pesada). É também uma década com uma distribuição

percentual relativamente incomum: os museus abertos ultrapassam largamente os criados. A conjugação entre a concretização de expectativas antigas e o menor tempo decorrido entre a criação e a abertura resultará, de algum modo, de um contexto particularmente favorável ao sector.

BIBLIOGRAFIA CITADA

INE (2005), *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 2004*, Lisboa.

NEVES, José Soares e SANTOS, Jorge Alves dos (2001), “Museus portugueses: evolução recente do seu levantamento (1999-2001)” in *Boletim Rede Portuguesa de Museus* nº 1, Lisboa, RPM, Junho, pp. 10-12.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), NEVES, José Soares e outros (2000), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, MC/IPM.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves dos e NUNES, Joana Saldanha (2005), *O Panorama Museológico em Portugal [2000-2003]*, Lisboa, OAC e MC/IPM-RPM.